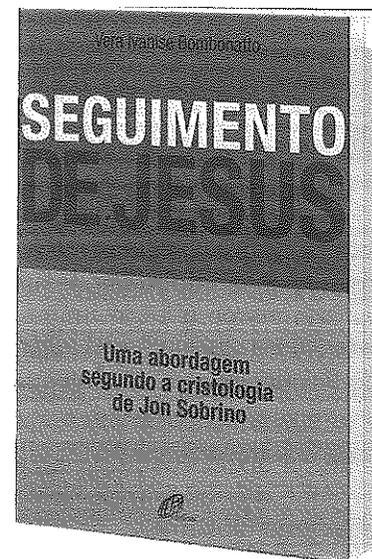


(ainda que não por completo). E seria fruto de uma generosidade mal compreendida negar aos demais o que já obtivemos.

Finalmente, os *problemas de epistemologia*. Aqui a consideração torna-se mais difícil e só cabem ligeiras insinuações. Apoiado no pensamento de J. L. Segundo, o autor trabalha com distinções como as de fé-ideologia, etc. Pessoalmente, em lugar de fé-ideologia, eu preferiria falar de fé-teologia; e tenderia a ser mais unitário na consideração das relações filosofia-teologia. Apesar da minha profunda afinidade com J. L. Segundo, creio que uma teologia verdadeiramente crítica não deve ser menos radical do que a filosofia, limitando-se a chegar apenas aos testemunhos de fé, sem poder aceder ao início, ou seja, à própria experiência originária em que essas testemunhas apoiaram sua palavra.

Porém, é óbvio que tudo isso nos remete a uma ampla tarefa de futuro, na qual corresponderá seguramente a Afonso Soares um papel muito importante. Deixo o leitor ou a leitora diante de um livro cheio de entusiasmo cordial, de preocupação prática e de infundáveis sugestões intelectuais. Um livro que, como dos grandes símbolos dissera Kant e repete Ricoeur, “dá o que pensar”. Asseguro que ninguém ficará indiferente a sua leitura, pois remove muitos lugares-comuns e balança algumas certezas que pareciam óbvias e definitivamente adquiridas. O tema não continuará a ser o mesmo depois deste estudo. Eu, pelo menos, devo confessar que aprendi muito, e continuarei a meditar sobre o que li e estudei aqui.

Andrés Torres Queiruga¹



BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.

O presente livro é fruto da pesquisa de doutoramento da autora e pode ser apreciado de diversos ângulos: como introdução didática ao tema do seguimento de Jesus em nossos cursos de cristologia; como estudo específico do caminho dessa categoria cristológica ao longo da Tradição cristã; e, finalmente, como meio de acesso à “extensa, profunda e consistente cristologia do seguimento de Jesus” (p. 13) dispersa nos abundantes escritos do jesuíta espanhol radicado em El Salvador Jon Sobrino, renomado teólogo da libertação.

O fio condutor do projeto é a cristologia sobriniana, evidenciando sua originalidade para a categoria do seguimento de Jesus – seu significado, abrangência e relevância. Ao contrário da teologia europeia, que normalmente relegou o tema à teologia espiritual, a obra de Sobrino é pioneira em situar o “seguimento” de Jesus como lugar epistemológico do “conhecer” Jesus. A obra pode ser assim sintetizada: o cap. 1 (pp. 33-93) pretende oferecer ao leitor o *horizonte bíblico de compreensão do seguimento de Jesus*. Fica claro que Jesus assume o modelo rabínico pré-existente das relações mestre-discípulo em vista da aprendizagem da Lei; mas o discipulado suscitado por Jesus implicará em seguimento permanente da pessoa mesma do mestre, radicalizando-se como projeto de vida da identidade cristã após o evento pascal. Entretanto, o livro não investiga se a relação mestre-discípulo, inovadora em Jesus de Nazaré, também é original com relação a tradições extrabíblicas (guru, monge budista, mestre sufi, pai do segredo no candomblé etc.). Contudo, a autora leva em conta outras releituras neotestamentárias desta relação Jesus-discípulos: a categoria paulina da imitação, de sabor greco-helenista, e a tentativa da 1Pe 2,18-25 de estabelecer uma articulação entre seguimento e imitação. A autora infere do levantamento feito que o seguimento como “condição para alcançar a salvação” é, de fato, “dado central, permanente e normativo da experiência cristã” (p. 90); em cotejo com o conceito de imitação, “o seguimento exprime, de forma mais abrangente e comprometedor [que inclui a imitação], a dinâmica da existência cristã” (p. 92).

¹ Professor de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. Autor de *Repensar a ressurreição* (São Paulo, Paulinas). Este texto é uma versão condensada do original galego.

O cap. 2 (pp. 95-188) revisita a *tradição eclesial* para melhor iluminar a *categoria cristológica* enfocada no livro. Pretende saber se “o seguimento constitui ou não o eixo central do cristianismo a ponto de se poder afirmar que a história deste é uma história de seguimento” (p. 93). Sua resposta é bastante matizada: o fato histórico do chamamento dos discípulos para seguir Jesus permeia a era cristã como sua fonte inspiradora e normativa, mas, “ao longo da história, [tal] conceito (...) se cruza com o conceito de imitação” numa “imensa gama de matizes [que] torna quase impossível uma nítida separação” (p. 185). Contudo, se nos primórdios a imitação do mártir Jesus decorre da radicalidade do seguimento, S. Agostinho marca o início da guinada que privilegiará, mais tarde, a busca da *imitação de Cristo*. Quem imita, diz ele, segue. Só com a emergência do tema do Jesus histórico os teólogos redescobrirão a importância do seguimento.

Os capítulos subseqüentes concentram-se na originalidade da obra de Sobrino. O cap. 3 (pp. 189-264) introduz o estudo de sua cristologia do seguimento. Parte de seus pressupostos metodológicos fundamentais (perspectiva das vítimas da história) e apresenta sua abordagem da prática de Jesus e de seu conseqüente e inevitável seguimento, bem como sua relação com o Reino e com Deus Pai. Sua cristologia articula três idéias-chaves: o lugar social das vítimas; o ponto de partida do Jesus histórico e o princípio epistemológico do seguimento. Essa última idéia-chave é mais bem desenvolvida no cap. 4 (pp. 265-352), que procura explicar a seguinte afirmação do teólogo salvadorenho: “o seguimento de Jesus constitui uma *forma privilegiada de explicitar a identidade cristã*” (p. 273). Ao estudar a estrutura fundamental do seguimento, Sobrino pretende demonstrar como sua realidade, ao mesmo tempo que expressa a identidade cristã, coloca-nos em um processo epistemológico que vai construindo essa identidade.

Enfim, a autora pergunta-se, no cap. 5 (pp. 353-411), pelos desdobramentos pneumatológicos dessa cristologia e sua relação com a espiritualidade. A resposta aponta a *vida cristã* como “*prosseguimento de Jesus com espírito*” (pp. 355; 362). Assim como a história de Jesus, seu (pro-)seguimento é lugar privilegiado da manifestação do Espírito. Se o Espírito é a memória e a imaginação de Jesus, viver no Espírito é voltar sempre a Jesus de Nazaré (*memória* de sua história, de sua práxis e de seu destino) nunca esquecendo-se de perguntar o que ele diria e faria se fosse nosso contemporâneo (*imaginação*). Essa dupla atenção hermenêutica pode evitar dois riscos de um cristocentrismo exagerado: reduzir Deus ao que dele transparece em Jesus Cristo e seguir fanaticamente suas palavras e gestos de há dois milênios (p. 360).

A reflexão sobriniana consegue, na linha de renomados teólogos europeus como Von Balthasar, Rahner, Metz e latino-americanos como G. Gutierrez, superar a costumeira dicotomia entre espiritualidade e teologia. Para Sobrino, “a experiência espiritual” é “ato primeiro do pensar teológico” e a espiritualidade, “dimensão essencial da teologia” (p. 381), que faz desta “uma teologia toda ela espiritual” (p. 382).

Em conclusão, a autora sintetiza “o significado, a abrangência e a relevância do seguimento de Jesus na cristologia de Jon Sobrino, e a contribuição desse autor para o resgate dessa categoria cristológica”. A síntese traz a densidade de um pequeno artigo sobre o tema (pp. 413-443). Aí a autora destrinça algumas convicções resultantes de seu labor doutoral. Elas: a Teologia da Libertação coloca-se em legítima continuidade com a tradição eclesial do seguimento de Jesus; a cristologia de Jon Sobrino inova ao assumir a perspectiva das vítimas e o compromisso de descê-las das cruzes da história; Jesus de Nazaré e a historicidade do seu chamado são o ponto de partida metodológico e o princípio hermenêutico da cristologia sobriniana; o seguimento de Jesus e sua dimensão salvífica são resgatados como fonte inspiradora e normativa constituindo-se na melhor forma de explicitar a identidade cristã; a argamassa de todo o processo é a experiência da ressurreição, que faz com que vivamos como ressuscitados quaisquer que sejam as condições históricas em que nos encontrarmos; conhecer Jesus é percorrer seu caminho significativo de outrora, sem deixar de se servir do que hoje nos oferecem os métodos, as análises e as hermenêuticas. Nesse caminho, somos introduzidos pelo seguido na realidade trinitária. Onde a insistência sobriniana em que a vida cristã consiste, essencialmente, no prosseguimento de Jesus com espírito.

Finalmente, é preciso destacar o valor de tal publicação no atual contexto brasileiro. Precisamos de boas introduções ao estudo sistemático de temas clássicos da teologia. Também é salutar que o público mais jovem tenha acesso a exposições mais sintéticas da extensa produção de alguns autores significativos da teologia latino-americana mais original – tarefa que a autora cumpriu com maestria. Resta, portanto, convidar leitores e leitoras interessados em aprofundar-se na categoria do seguimento de Jesus a percorrer o trajeto proposto por Jon Sobrino na companhia de uma guia segura e experiente.

Afonso Maria Ligório Soares*

*Professor Associado do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e Professor convidado do ITESP (Instituto Teológico São Paulo) para os Seminários de Teologia Sistemática.